

PMS	FMLF	GERIN
BIBLIOTECA		
Jornal	A Tarde	
Data	14/07/01	
Caderno	local	Página 08
Seção	Opinão	
Assunto	História (FONTES)	

As fontes públicas de Salvador

CONSUELO PONDÉ DE SENA

Convidada a participar do seminário sobre as fontes de Salvador, promovido pela Comissão de Educação, Cultura e Lazer da Câmara Municipal do Salvador, compareci ao Pavilhão de Aulas da Ufba no dia 12 de junho último, na reunião coordenada pelo vereador Javier Alfaya.

Coube-me tratar dos aspectos históricos de questão e ao professor Eduardo Mendes, do Departamento de Botânica do Instituto de Biologia da Ufba, comentar a atual situação dos mananciais públicos da cidade, problema do interesse de toda a comunidade, seja do ponto de vista histórico, urbanístico, arquitetônico, ecológico ou de qualquer outro que se pretenda analisar.

Objeto de pesquisa de muitos investigadores ao longo dos tempos, o tema continua a desafiar os baianos de hoje no sentido de estudá-lo exaustivamente com vistas a uma publicação definitiva, comparável à editada em relação aos pelourinhos portugueses, de autoria de E. B. Ataíde Malafaia, recentemente oferecida pelo autor ao Instituto Histórico, em sua visita a Salvador.

Com efeito, as fontes públicas de Salvador constituem-se numa das mais curiosas referências da velha urbe de Tomé de Sousa, merecendo alusão o trabalho pioneiro de Frederico Edelweiss, publicado no idos de 1940, na revista do Rotary Baiano. Já

àquela altura o combativo mestre denunciava o descaso com que fora tratada a Fonte do Pereira ou Fonte das Naus, provavelmente estabelecida pelo primeiro negociante da Cidade Baixa de nome Pereira.

Rastreando a bibliografia sobre o assunto, lembrei entre outros autores Gabriel Soares, Santo Vilhena, Domingos José Antônio Rabelo, Melo Moraes, Afrânio Peixoto, Lygia Maria Alcântara Wanderley.

Em seu livro *Notícia do Brasil*, Gabriel Soares declara textualmente: "Tem esta cidade grandes desembarcadouros com três fontes na praia ao pé dela, em as quais os mareantes fazem sua aguada bem à borda do mar, das quais se serve também muita parte da cidade, por serem estas fontes de muito boa água".

Santos Vilhena, no final do século XVIII, informa: "não há dentro da cidade uma única fonte cuja a água se possa beber, quando para gasto não abundem!..." E ainda, "toda a montanha na sua falda geme água e poucas são as casas que não tenham sua poça em que a aproveitem; toda porém é salobre".

De Domingos José Antônio Rabelo, autor da *Corografia do Império do Brasil, Bahia, 1829*, são as seguintes considerações: "Há vinte fontes públicas, a saber": São Pedro, Unhão, Pereira, dos Padres, Chichi, Pedreiras, Mongonga, Água de Meninos, Gamboa das Pedras, Queimado com três chafarizes de excelente água, a das

Pedras, São Miguel, Gravatá, Gabriel, Barris, Tororó e Santo Antônio.

A fonte do Gabriel tem esse nome por ter sido construída em terrenos pertencentes a Gabriel Soares de Souza. Também é conhecida como fonte do Unhão por causa do seu primeiro dono, Des. Pedro de Unhão Castelo Branco que, em Salvador, exerceu várias atividades, tendo sido inclusive provedor de defuntos, pelos idos de 1692, conforme relata Braz do Amaral.

Foram mencionadas também o Dique do Tororó, as fontes do Gravatá, da Ladeira das Pedras, dos Coqueiros da Piedade, do Queimado, da Graça, das Pedras, ficando marcada outra reunião para ampliar o debate sobre o assunto, do interesse comum de todos os soteropolitanos.

Tendo perdido a sua função inicial – a de abastecer a população da cidade, as fontes de Salvador foram sendo relegadas a usos secundários, servindo para a lavagem de carros, ônibus, automóveis ou coisas que tais, quando podiam ser recuperadas para utilizações mais nobres, consideradas como atrativo turístico numa cidade de tantos encantos e sedução.

Por isso, reunir pessoas interessadas num projeto que possa recuperar nossos mananciais antigos é um dever que se impõe a todos os habitantes de Salvador.

Consuelo Pondé de Sena
é presidente do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia